

Auxílio Brasil não vai eleger Bolsonaro, diz Marcelo Neri

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Economista do FGV Social disse ao PoderDataCast que valor baixo e previsão de término impactam na percepção da população

O presidente Jair Bolsonaro durante do lançamento do programa “Comida no Prato”. PoderDataCast discute a situação econômica do país e a influência dela nas eleições de 2022

O valor de R\$ 400 do Auxílio Brasil, mais baixo que o coronavoucher oferecido durante a pandemia, resultou em um “efeito catraca” no poder aquisitivo da população. Por isso, a distribuição do benefício dificilmente vai ajudar a melhorar a imagem de Bolsonaro a ponto de influenciar as intenções de voto, de acordo com o economista e diretor da FGV Social Marcelo Neri.

Em entrevista ao PoderDataCast, podcast do Poder360 voltado ao debate de pesquisas eleitorais e de opinião pública, Neri lembrou ainda que o benefício, substituto do Bolsa Família, deixou de atender parte da população que recebia o Auxílio Emergencial.

A aprovação do Auxílio Brasil, em 2021, despertou acusações por integrantes da oposição de que Bolsonaro teria instituído o programa por fins meramente eleitorais. Contudo, o economista analisa que faltou sensibilidade política para a cúpula do Executivo ao lançar o programa no fim do governo. Segundo ele, o curto prazo entre a criação e o efeito prático na população impossibilita que as benesses do programa sejam associadas ao mandato.

“Foi isso que aconteceu com o Fernando Henrique com o Bolsa Escola em 2001. Ele não teve tempo para vincular, e acabou vinculando-se o Bolsa Família ao Lula. E acho que com o Bolsonaro aconteceu isso: ele criou um benefício no apagar das luzes no ano antes das eleições e isso acaba prejudicando”, comparou Neri.

Assista abaixo ao programa com a entrevista (16min31s):

O diretor do FGV Social destaca que a população pode também ser influenciada pelo prazo de término do benefício, que termina em 31.dez.2022. “Em 2023 o auxílio cai e a inflação daqui para lá é projetada como alta. As pessoas talvez antecipem, isso falando ‘oh, essa generosidade é temporária, mais à frente eu vou ter dificuldades’.”

COMBATE À DESIGUALDADE

Na última rodada de pesquisas, o PoderData mostrou que 50% da população deixou de pagar alguma conta em janeiro, enquanto 52% teve seu emprego ou fonte de renda prejudicado nos últimos meses. Para Marcelo Neri, durante a pandemia, o Brasil piorou suas políticas de combate à desigualdade. “Com a inação nessas políticas de saúde –porque a gente podia ter feito muito melhor com o SUS– e políticas de educação, a gente contratou um aumento de desigualdade no futuro. É verdade que a desigualdade no Brasil é alta, mas ela vinha caindo”.

Neri ainda afirmou que a polarização é o principal desafio a ser enfrentado nas discussões de políticas econômicas neste ano eleitoral.

“A gente tem um desafio de convergência. As coisas estão muito polarizadas. Alguns candidatos enfatizam muito a economia, outros a desigualdade, acho que falta uma agenda conjunta. um caminho do meio que concilie crescimento econômico com combate à desigualdade”, afirmou.